

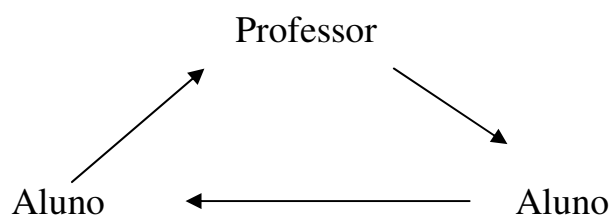
ROTEIRO DA 1ª AULA E PLANO DE CURSO

1. Como falaríamos essas palavras/locuções em Inglês?

- a) Roteiro
- b) Por trás das câmeras
- c) Nômades
- d) Balanço e agito
- e) Penalidade
- f) Mistura
- g) Apertar
- h) Garoto de escritório
- i) Passar os olhos por cima
- j) sucesso

2. Sistema de estímulo

O estímulo é recíproco entre professor e alunos



In English...

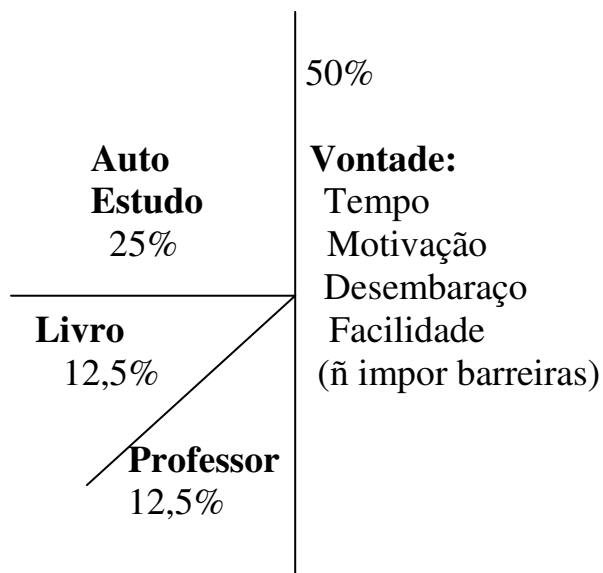
- a) Script
- b) Making of
- c) Rolling stones
- d) Rock and Roll
- e) Penalty
- f) Mix
- g) Squeeze
- h) Office boy
- i) Scan
- j) hit

O que podemos concluir desta brincadeira?

3.Do que você precisa para este curso? (endógeno)

- Querer Aprender tudo que puder em todos os lugares onde estiver.
- Estar pronto a tentar mesmo sem ter certeza, deduzindo também se aprende.
- Aceitar os possíveis erros como naturais e do dia a dia, todos eles terão papel importante em fazer você se lembrar do caminho certo.
- Não tente “entender melhor em casa”, a aula é sua, entenda tudo aqui!
- Presença constante, as faltas são suas piores inimigas
- Falar em aula (Inglês)

4. Como as responsabilidades serão divididas?



Reflexão: Você quer aprender Inglês ou você precisa aprender Inglês?
Qual é a diferença?

5. Quanto você fala de Inglês por semana?

Vamos a uma conta rápida, quanto você fala de Inglês por semana?
Quantas palavras você sabe em Inglês hoje?
Quantas precisa saber para falar fluentemente?
Como aprendê-las?

6. O curso (em sala de aula)

9.1 O student's book

- * Conversação
- * Gramática
- * Vocabulário

7. O curso (extra sala monitorado também em aula)

7.1 Lição de casa (essa é demais!)

* Unidade após unidade deleitar-nos-emos com um apetitoso pedaço desta iguaria.

7.2 Workbook

- * Prática teórica da gramática
- * Revisão de pontos vistos e estudo de novos pontos que não serão abordados no student's book.

7.3 Workbook CD

- Estudo de pronuncia e audição (no ritmo do aluno).

8. O Kit básico do aluno exemplar

- Caderninho (pode ser com o Mickey na capa)
- Lápis
- Borracha
- Dicionário
- Student's book

9. Por que British English e o que é isso?

10. Cambridge examinations

KET - Key English Test == Headway elementary

PET - Preliminary English Test == Headway Pre Intermediate

FCE - First Certificate in English = Headway Intermediate

CAE - Certificate in Advanced English

CPE - Certificate in Proficiency English

11. Filmes

Jack estripador (Michael Caine)

Os outros

Vestígios do dia

O diário de Bridget Jones

Razão e sensibilidade

Ou tudo ou nada

Um lugar chamado Notting Hill

A ponte sobre o rio Kwai

O homem que subiu a montanha e desceu a colina

Três casamentos e um funeral

Texto: Quem aprende INGLÊS?

Um dos clichês dos dias de hoje é: “preciso aprender Inglês para arrumar um emprego melhor” ou “preciso aprender Inglês para passar no vestibular” e assim por diante, isso, tem o mesmo impacto que teve o clichê “vou para a cidade grande para ganhar a vida” no período acentuado de êxodo rural na década de 50 ou “vou fazer faculdade (sic.)” da década de 70. Contudo, já comprovamos que para alguém sair do campo e mudar-se para a cidade ele somente precisa do dinheiro da passagem, e, em casos de universitários que sempre passaram os seus anos de faculdade colando, trapaceando e não prestando atenção às explicações a consequência vem no mercado de trabalho ao constatar a incompetência deste profissional. Já com o Inglês a decepção é mais fácil, e também fica mais prático desmascarar quem diz ser algo que não é, pois, com um comentário de três ou quatro palavras qualquer pessoa que fale fluentemente o idioma diagnosticará se o inquirido realmente fala o idioma ou somente “faz Inglês”.

A expressão “fazer Inglês” é uma das mais abomináveis possíveis na fala de uma pessoa, ninguém deve “fazer Inglês” você deve **estudar Inglês, aprender Inglês e por em prática Inglês**. Aprender qualquer coisa que seja, desde como montar e por em distribuição um motor gasolina até falar um idioma estrangeiro demanda duas coisas fundamentais: prática e teoria, como bases, e, esforço, garra, dedicação, empenho, talvez até um pouco de obsessão como meios, esses passos sendo seguidos resultarão em sucesso, esses passos sendo negligenciados resultarão em fracasso. A diferença entre quem aprende Línguas e quem aprende a montar o motor é que em qualquer lugar que eu estiver, puxando assunto com a pessoa que estuda Inglês, ela pode falar e mostrar se o seu caminho foi de sucesso ou fracasso, já para o profissional da mecânica, ele ainda pode me tapear um pouco mais até não conseguir fazer o motor funcionar...

A priorização de interesses na vida de um estudante de Línguas é peça fundamental, certa vez tive um aluno que veio a mim e disse: “professor, vou parar o curso porque perdi o emprego”, de imediato lamentei, cancelei a matrícula e continuei meu trabalho, no entanto, em todos os meses seguintes, apesar de ter perdido o seu emprego alguns alunos meus o viam na academia de ginástica semanalmente, e o comentário foi inevitável: “para o Inglês ele não tem dinheiro, mas para a academia tem!” realmente de início é revoltante para quem encara o Inglês como prioridade, contudo, primeiramente entenda o que é prioridade na sua vida, para estudar Inglês do que você terá de abrir mão? E mesmo que não seja financeiro o problema, mas o seu tempo, a sua dedicação, certamente para estudar Inglês alguma coisa terá de ser mudada em sua rotina.

Quando falamos em mudar rotina muitos pensam no horário da aula, mas estudar Inglês é muito mais do que a aula presencial, para cada hora de aula gasta na escola, outra hora deve ser gasta em estudos sobre o que foi falado em aula, não adianta chorar, esta é a única maneira de começar a organizar a sua vida em relação ao Inglês.

Uma questão interessante é que para muitos que começam um curso de Inglês, aquela é a primeira vez que estão iniciando um curso, e sendo assim erram em sua técnica de estudo por falta de experiência. Em outros casos o estudo do Inglês já é uma barreira que se apresenta para a pessoa há anos, é quase como um regime se apresenta para mim, distante, necessário, inexecutável! Mas a pessoa continua tentando, pois bem, esse muitas

vezes se dá mal pelo número de vezes que já tentou e tentou errado, transferindo para este novo curso tudo aquilo que sobrou (de ruim) dos outros cursos.

Estudar não é tarefa simples, aprender depende de uma metodologia de aprendizado, atenção: Eu tenho metodologia de Ensino (didática), portanto eu ensino! Você tem de ter metodologia do aprendizado, pois eu não posso aprender por você. Entende-se, portanto que quem aprende melhor não é necessariamente o mais hábil para Línguas, mas sim o que organiza melhor aquilo que é discutido em aula.

Vamos a um esquema prático com algumas dicas para finalizar o texto:

- Anote o necessário, confie no seu professor, se ele disse “não precisa copiar” ele não tem um senso de humor sádico e quer ver você esquecer de tudo falado na aula, ele realmente sabe que naquele momento ouvir e raciocinar é mais importante do que registrar.
- Tudo que é estudado em sala deve ser reprisado em casa, lembrar das explicações, voltar a discutir consigo mesmo o que ficou claro.
- Discutir novamente com o professor o que não ficou claro, não se pode carregar uma dúvida, não existe um “com o tempo fica claro”.
- Passar a incorporar aquilo que é estudado, buscar em todas as partes elementos que lhe ajudem a aprender Inglês, colocando tudo em prática mesmo que sozinho.
- Evidentemente faltar o mínimo possível ao curso.
Lembre-se, dizer que estudou e não aprendeu é o mesmo que dizer que vendeu e ninguém comprou.

Prof. Humberto de Amorim Liber

VOCÊ FALA INGLÊS?

O meu trabalho, além de ensinar Inglês, também é atender pessoas interessadas em aprender Inglês. Nessas situações, eu sempre tenho plena consciência de que deixo o meu “status” de professor e passo para o meu “status” de vendedor, e, como um bom vendedor que tento ser, sigo as regras básicas da venda: procuro dar espaço para as pessoas me perguntarem suas dúvidas, falo com clareza, e por mais irreverente que seja a pergunta nunca respondo com ironia (mesmo tendo de me segurar ao extremo).

Começo falando sobre isso, pois existem situações em que pessoas desatentadamente fazem perguntas sem cabimento, por exemplo: certa vez atendi o telefone e uma senhora me inquiriu: “gostaria de saber sobre aula de Inglês”, bem, como essa pergunta é um tanto vaga, eu comecei perguntando: “que tipo de aula a senhora está procurando, individual, grupo...?” e ela replicou: “qual é a diferença?”, daí eu não resisti e soltei: “bem, na aula individual, a senhora tem aula individual, na aula em grupo, a senhora tem aula em grupo” e a minha frase foi seguida por um ataque de risadas de ambos lados da linha. Sinto comigo que essa situação que relatei foi apenas um erro na interpretação (um pouco forçado por minha parte, confesso), já que a pergunta que ela queria fazer seria algo como “quais são as vantagens da aula individual?” ou “qual é a diferença de preço entre elas?”.

O problema se agrava quando pessoas fazem perguntas realmente sem cabimento. Nos meses de férias eu costumo oferecer cursos intensivos, um mês de aula para concluirmos um livro, bem, o futuro aluno olha para mim, e com a maior cara de pau pergunta: “aprende-se alguma coisa nesse curso de férias?” a minha vontade era de ironizar: “não, claro que não, a idéia é roubar o seu dinheiro mesmo!”, mas como ainda estava com paciência, respondi algo educado, em seguida ele volta a me interpelar perguntando: “o que se aprende?”, daí eu não me segurei, eu disse: “só quem faz o curso é que sabe...”, eu não creio ser “tolerância zero” como alguns me apelidam, mas realmente é possível sentir quando as pessoas estão sendo sarcástica em suas palavras, nesse caso, não há remédio, o negócio é inovar e ser ainda pior.

Para concluir, eu vou explicar o título deste artigo, acreditem ou não, qualquer aluno meu após 25 horas de estudo (mais ou menos 3 meses para quem tem aula 2 vezes por semana) já tem sua aula quase que totalmente em Inglês, reservando a língua Portuguesa apenas para explicações de pontos gramaticais mais complexos, após um semestre de aulas comigo, todos em sala se sentem a vontade para falar Inglês, e já estão acostumados a me ouvirem falando em Inglês com eles. Bem houve uma ocasião em que no meio de uma destas aulas veio uma amiga minha, que não era brasileira, falar comigo, me obrigando então a interromper a aula e ir atendê-la, evidentemente falando em Inglês, e os alunos da aula estavam de “orelha em pé” como falávamos antigamente, pois bem, quando retornei alguém soltou a pérola: “então você fala Inglês mesmo?!”

Frases como esta estão tão repletas de idiossincrasias que eu nem sei por onde começar, primeiramente, que Língua eu falava com meus alunos há mais de três meses? Inglês, não Russo, então não deveria haver este espanto, em segundo lugar como podem acreditar que eu teria a cara de pau de ensinar um negócio que eu não sei. E por último (e mais importante) como alguém pode conceber a idéia de ter aula com um professor sem acreditar que ele fale o idioma?

Pior que isso só mesmo quando a pessoa pergunta a sua profissão e você responde “professor”, e a pessoa replica “de que?”, e você “de Inglês” e a mente brilhante lhe pergunta: “você fala Inglês?”, eu sempre respondo que não, e digo: “não, na verdade eu falo Aramaico, mas como dá mais dinheiro ensinar Inglês é isso que eu faço.” O pior é pensar que tem gente que acredita...

Abraço a todos, estou esperando perguntas no meu e mail (todas são bem vindas)
risos: headway@srnet.com.br

Prof. Humberto de Amorim Liber

SUBWAY OR UNDERGROUND?

Algo comumente em pauta quando falamos sobre Língua Inglesa é a questão do Inglês Americano ou Britânico, mais preponderante do que a questão, é uma tendência de alguns pensarem que essa diferença faz parte do *hall* das coisas mais importantes no seu aprendizado.

Primeiramente, polarizarmos o Inglês em dois focos (Americano e Britânico) é uma atitude no mínimo provinciana, tomem, por exemplo, a Austrália, um país de vasta área geográfica e que tem sua própria vertente da Língua, ou a Nova Zelândia, o Canadá, a África do Sul, Hong Kong, etc. E não adianta torcer o nariz para estes países como se eles fossem algo completamente fora de nossa realidade, levem em conta uma artista plástica que mora em São Roque e é Australiana, ou o caso de uma de minhas alunas que estudou na Nova Zelândia há dois anos, portanto essas variações do Inglês estão presentes sim.

A questão é um pouco mais complexa do que somente as vertentes da Língua Inglesa, e, isso fica facilmente provado quando você perceber que este tipo de discussão não acontece sobre Português do Brasil ou de Portugal (já que a moda é pegar apenas dois países...!), na verdade, o fator principal por trás da indagação sobre Inglês Americano ou Britânico, é uma questão de Arbitrário Cultural Dominante (ACD), como falamos em Sociologia. Verdadeiramente, não existe um Inglês que domina o mundo, existe sim uma cultura capitalista que se impõe e sobrepõe perante as outras.

Quando alguém passa algum tempo em um país de Língua Inglesa, logo percebe que ninguém está nem se preocupando com este tipo de diferença, até porque dentro de cada país, novamente temos variações de sotaques e terminologias, exatamente como acontece no nosso próprio estado de São Paulo, que é muito menor do que o Canadá, por exemplo.

Esta história de “eu quero estudar Inglês Americano” ou “Britânico” pode ser considerada razoável para alguém já em nível avançado da Língua Inglesa, e que por motivos próprios prefere este ou aquele sotaque, entonação e terminologia. Por mais doloroso que seja constatar, para um aluno que está em nível elementar, ele não vai falar Inglês Americano, nem Britânico, ele vai falar Inglês Brasileiro mesmo! Pois, a pronuncia de palavras isoladas não caracteriza este ou aquele sotaque, mas sim a entonação e a terminologia, como um conjunto, e, este tripé só será alcançado após vencermos as primeiras etapas de estudo, como fluência, acuridade, e então entonação.

Agora só para encerrarmos o texto com algo divertido e útil para quem estiver estudando Inglês, aí vão algumas dicas para vocês sobre palavras com sentido diferente e diferentes palavras com o mesmo sentido na Grã Bretanha e nos EUA.

GB		EUA	
Queue		Line	= Fila
Post		Mail	= Correspondência
Underground		Subway	= Metrô
Holiday		Vacation	= Férias
Bloke		Guy	= Rapaz, Cara
Chemist		Drugstore	= Farmácia
Cinema		Movies	= Cinema

Então meus amigos é isso aí, a título de curiosidade, é sempre interessante conhecermos essas diferenças, mas não como se uma das duas colunas fosse dos vilões e a outra dos mocinhos, mas sim encarando-as como variações naturais e ricas da Língua. Continuem estudando e mandem perguntas e sugestões para: headway@srnet.com.br.

Prof. Humberto de Amorim Liber

QUE TIPO DE ALUNO VOCÊ É?

Algo peculiar ao se tornar professor, é ter a capacidade de notar quão diferentes seus alunos são. É claro que essas diferenças de que falo são decorrentes de uma série de fatores, possivelmente os psicólogos estariam mais aptos a explicá-los, mas sinto que existe um padrão em sala de aula.

Primeiramente, aulas em grupo são sempre mais desafiadoras do que individuais, pois para o professor, além de ensinar, ele também tem de “equacionar” as discrepâncias entre os alunos, fazendo da aula um ambiente com o mínimo de leveza.

Como já disse, sinto um padrão em grupos, pensando em quatro alunos por turma, teremos, a grosso modo: um dedicado e muito tímido, um dedicado e desafiador, um que apenas precisa aprender e talvez passe a gostar do idioma, e, um que realmente não sabe o que está fazendo ali.

Caso conseguíssemos sempre manter esta média em padrões aceitáveis (nenhum extremo), um professor bem articulado se sairia bem na maior parte de seus grupos, conseguindo fazer algo que um velho ditado Inglês já diz: “o bom professor diminui a voz dos que falam demais e aumenta a voz dos que quase não falam”. O problema é que vez por outra encontramos extremos, turmas em que todos são dedicados e desafiadores, ou seja, querem aprender e perguntam tudo que podem, trazem exemplos de outros momentos, o que é muito bom, mas, quando todos os alunos são assim o professor tem de tomar cuidado, pois se para cada coisa que o professor explicar ele leva 6min. e cada um dos alunos replica e treplica levando mais 6 min., ele só consegue explicar 2 coisas por aula e já atingimos 60min.!

Outro caso extremo é exatamente o contrário, quando somente o professor fala em sala de aula, por mais que ele tente os alunos mantêm-se em silêncio, parecendo até uma afronta, pois o professor faz uma pergunta, e os alunos não se dão ao trabalho nem mesmo de dizer “eu não sei a resposta”, o silêncio simplesmente paira no ar! Isso é deprimente para qualquer professor, e o pior é que não há como fazer uma turma inteira mudar o seu “jeito de ser”, especialmente por serem adultos e não mais crianças.

Bem, até aqui dei exemplos de alunos que falam demais outros de menos, contudo com uma vantagem, o grupo é homogêneo, todos têm a mesma postura. O que acontece quando existe um “estranho no ninho?”

Realmente, um dos maiores problemas quando ensinamos grupos é conseguirmos equilibrar as diferentes opiniões, e especialmente “jeitos de ser” de cada um, tenham por exemplo a questão do grupo que tem um indivíduo que não está nem aí se o professor está interagindo com outro aluno naquele momento, e apenas vai em frente e pergunta o que quer sem tomar consciência se está sendo educado ou não, e se está interrompendo ou não.

Outro caso um tanto comum é o aluno que é individualista, pois, quando existe alguma atividade para ser feita em pares ou grupos, ele continua trabalhando sozinho, fazendo o máximo possível para não permitir que alguém veja o que ele escreveu ou concluiu. Existe ainda o intrometido, que não dá tempo para o colega ou colegas responderem e já vai saindo na frente, inviabilizando a possibilidade de outros alunos participarem da aula. Outra situação igualmente irritante é quando o grupo todo faz uma lição de casa e apenas um aluno não a fez, mas, mesmo assim quer corrigir junto, tirar as

dúvidas e entender como era para ser feito este ou aquele exercício, é o vulgo: “chegou atrasado e quer sentar na janelinha!”.

De modo geral, tendo bom senso não tem como dar errado, o problema é que quando o número de alunos é macro os problemas seguem a mesma proporção, então como dizia na novela “tem de ser muito artista!”.

Cheerio!

Prof. Humberto de Amorim Liber
headway@srnet.com.br

É CADEIRA MESMO?

Em outra oportunidade já comentei com vocês que quem melhor aprende Inglês não são aqueles abençoados, mas sim os com melhor sistema de organização da informação nova a receber. Dentro desta linha de pensamento, começo os meus cursos com uma aula inaugural, na qual já adianto que os alunos devem ser extremamente cuidadosos com a tradução, apesar de muitas vezes não adiantar.

Percebo que o maior problema ocorre com os alunos que já vem de outros cursos de Inglês, e trazem consigo vícios, maus hábitos, difíceis de serem corrigidos, ocasionando o que chamo de “febre da tradução”, pessoas que só se sentem seguras para entenderem uma palavra ou expressão se ouvirem algo em Português.

Lembro-me sempre do caso da aluna que me perguntou o que era “decade”, palavra que estava em certo texto, e então lhe expliquei, em Inglês, que era o período de 10 anos, coloquei na lousa 1980 > 1990, e repeti “a decade” e ela ficou com aquele olhar furioso, como se eu estivesse com preguiça de falar em Português, e ela nem sabe que seria muito mais fácil eu ter dito apenas uma palavra ao invés de fazer toda aquela explicação. Bem, de qualquer forma, ficou claro que ela não havia entendido, e ela então falou: “não entendi, como é em Português?”, para poder provar que a tradução nem sempre é o melhor remédio, às vezes é necessário sermos duros, eu respondi “decênio”. E ela, de pronto anotou a palavra em Português em frente à palavra em Inglês, e ficou com um ar aliviado, mas aí eu comecei a tortura, perguntei: “o que quer dizer decênio?” e ela confessou não saber o significado, eis aí o exemplo típico da tradução sem serventia, você traduz somente para se sentir seguro, mas não entende a palavra, ao passo que a minha explicação inicial não dava uma palavra do português, mas explicava exatamente o seu sentido.

Com essa mesma finalidade eu uso palavras de outro mundo, mas que são portuguesas como: titubear, acuridade, aspiração, oxalá etc., para provar que não é necessário você saber “como fica em Português”, mas somente entender o que aquilo quer dizer em Inglês, até porque muitas coisas realmente são típicas do Inglês e simplesmente não podem ser traduzidas.

Basicamente, substantivos concretos (as coisas que nós podemos pegar), podem ser traduzidos, mas o bom professor aproveita justamente este tipo de palavra para acostumar o seu aluno a não traduzir e sim entender. O melhor exemplo das primeiras tentativas, quando um aluno ainda está se adaptando a este sistema de ensino, é quando aparece a palavra “chair” (cadeira) e ele não sabe o que significa, então o professor pega a sua cadeira coloca no meio da sala e repete “chair”, desenha uma cadeira e repete “chair”, faz sentenças explicando “chair”, mesmo assim, quando o professor dá o “ok” final da explicação, o aluno olha no fundo dos olhos do professor e pergunta: “é cadeira mesmo?!”

Isso é comum, e professores devem estar prontos a interagir com isto, pois o aluno, de início nem faz por mal, realmente a sua necessidade de traduzir é efetiva, cabe a nós (professores) indicarmos e induzirmos o aluno a não traduzir.

Outras palavras que podem ser indicadas ao invés de traduzidas são verbos de ação, de modo geral, mas estes, quando traduzidos não causam tanto mal. Realmente o que deve ser evitado em traduções são tempos verbais de uma forma geral, pois esses expressam idéias e portanto, devem ser compreendidos e não traduzidos. Também existem coisas que em português são muito mais complexas do que em inglês, por exemplo, adjetivos possessivos, em português a salada é enorme, pois usamos pronomes de terceira pessoa,

mas com significado de segunda pessoa (você) e seus adjetivos possessivos são também são de terceira pessoa, ocasionando dubiedades incríveis no significado. Já em Inglês tudo isso é mais fácil, desde que não se tente explicar ou aprender traduzindo.

Em resumo, Inglês é Inglês e Português é Português, tenho certeza de que muitos de vocês já receberam pela Internet aquelas listas de expressões traduzidas ao pé da letra por brincadeira, acreditem, vira e mexe eu encontro gente falando assim.

Dúvidas, perguntas e sugestões: headway@srnet.com.br

Prof. Humberto de Amorim Líber

DISK, ALUG'S, ACADEMY, QUE LÍNGUA É ESSA?

Veza por outra sou surpreendido por palavras em prédios comerciais que me deixam na estreita linha entre o cômico e o trágico.

Desde a 2ª Guerra mundial, com a ascensão dos EUA no mundo todo, bem como seu cinema, Inglês se tornou algo como a Língua do mundo, muitos acreditam que por isto Inglês americano seja a Língua do mundo, no entanto, pesquisas revelam que 62% de quem fala Inglês hoje são estrangeiros (pessoas que não falam Inglês como sua primeira Língua), portanto falam Inglês estrangeiro, não Inglês Americano, Britânico, Sul africano etc., bem, mas não é esse o ponto alto de nossa discussão aqui.

A questão é, porque Inglês é usado ao invés de português em situações em que o português faria as vezes perfeitamente, ou pior, o Inglês usado é fatalmente errado.

Exemplo típico disto é o uso do apóstrofo S ('s). Em Inglês o seu uso é para a contração dos verbos **to be** (is) e **to have** (has), além da forma possessiva como em *Laura's boyfriend* (namorado da Laura), e aí é que nasceu o que eu chamo da "epidemia do apóstrofo S".

Em Inglês, lojas como padaria, açougue e outras, levam o nome de quem trabalha lá: padeiro (*Baker*), açougueiro (*Butcher*), mas como é uma loja, nós devemos falar loja do açougueiro, ou loja do padeiro (*Baker's shop*, *Butcher's shop*), contudo, todos nós sabemos que as Línguas são mágicas pela sua tendência de facilitar as coisas que falamos, e assim aconteceu com esses exemplos, para pouparmos tempo é normal chamarmos a padaria e o açougue de *Baker's e Butcher's* respectivamente, sem precisarmos adicionar a palavra shop.

Isso se estendeu para nomes próprios, portanto, restaurantes, cabeleireiros, e outros comércios nos países de Língua Inglesa muitas vezes chamam-se apenas *Roberto's*, *Lucy's*, *Louise's* etc. O problema foi que no Brasil nós estamos infestados de apóstrofos S nos lugares mais sem cabimento do mundo, eu já vi gente escrevendo coisas do tipo **Lav's lava rápido**. E ninguém no ambiente se chamava Lav. Ou simplesmente a designação **Bar's** e eu fico me perguntando quem foi batizado com o nome Bar?

Outra coisa de Marte, para não dizer de morte, é o uso equivocado de palavras, como já se viu *Academy* sendo usado como academia (!), em Inglês *Academy* é o lugar onde formamos soldados, oficiais das forças armadas etc., ou então o ambiente onde são estudados os créditos do Mestrado ou Doutorado (*Academic Years*). O lugar em que você faz ginástica, em Inglês, é uma *Gym*, forma abreviada de *Gymnasium*. Se é para usar o Inglês, que seja ao menos correto!

Pior que isto, só mesmo quando a pessoa inventa palavras que não existem. Dia desses ia passando em frente a uma empresa de containers e vi a placa **Alug Container's**, dispensei comentários, em Inglês alugar é *to Rent* ou *to Hire*. E ainda, o literalmente famigerado **Disk Pizza**, sendo que em Inglês discar é *to Dial*, o mais próximo que existe de Disk, é Disc, que quer dizer Disco!

Na verdade, o Português é uma linda Língua, cheia de conjugações, variações de número e gênero para substantivos e adjetivos, realmente, não há necessidade de dar um nome em Inglês para a sua loja ficar **mais Sofisticada**.

Se servir de consolo, saibam que isto não é um fenômeno apenas Brasileiro, na Inglaterra também encontramos uns desavisados, loucos para usarem nomes em Francês para coisas que poderiam ser tipicamente descritas em Inglês

